

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Josy Cristina Magalhães

**O ENSINO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA A PARTIR DA
ABORDAGEM PEDAGÓGICA CRÍTICO SUPERADORA: EXPERIÊNCIA EM UMA
ESCOLA MUNICIPAL DE GOIÂNIA.**

Goiânia
2016

Josy Cristina Magalhães

**O ENSINO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA A PARTIR DA
ABORDAGEM PEDAGÓGICA CRÍTICO SUPERADORA: EXPERIÊNCIA EM UMA
ESCOLA MUNICIPAL DE GOIÂNIA.**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Licenciatura em Educação Física.
Orientador: Prof. Dr. Humberto Luís de Deus Inácio.

Goiânia
2016

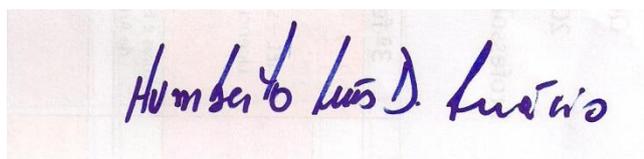
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**O ENSINO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA A PARTIR DA
ABORDAGEM PEDAGÓGICA CRÍTICO SUPERADORA: EXPERIÊNCIA EM UMA
ESCOLA MUNICIPAL DE GOIÂNIA.**

Trabalho apresentado para obtenção do título de Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás, sob orientação do professor Prof. Dr. Humberto Luís de Deus Inácio.

Esta Monografia foi revisada após a defesa em banca e está aprovada.

Goiânia, março de 2016



Prof/a. (orientador/a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me concedeu forças e saúde para superar os obstáculos e ter alcançado meus objetivos. A minha família, que sempre esteve ao meu lado me apoiando e incentivando a seguir em frente, em especial minha mãe (Maria Helena), que sempre foi meu maior exemplo de dedicação, esforço e superação.

Aos meus amigos que durante esta jornada estiveram ao meu lado, que muitas vezes compreenderam a minha ausência, em especial o Luiz Gustavo, companheiro de vida, que esteve diariamente ao meu lado, me dando força e coragem e me apoiando nos momentos mais difíceis desta caminhada. Agradeço a esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração, que foram fundamentais na minha formação acadêmica e pessoal, ao meu orientador Humberto Inácio, muito obrigada. Agradeço a instituição em que realizei a pesquisa, ao professor Gleison e a todos os alunos, que foram muito receptivos e contribuíram de forma inenarrável para a realização desta pesquisa.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quadro de classificação das práticas corporais de aventura.....	16
Figura 2 - Sistematização dos espaços observados.....	33
Figura 3 - Sistematização das práticas corporais de aventura.....	36
Figura 4 - Lance livre.....	39
Figura 5 - Saltar e passar por baixo da grade.....	40
Figura 6 - Pulando o muro.....	41
Figura 7 - Ultrapassar os obstáculos.....	42
Figura 8 - Passar por baixo da rede.....	42
Figura 9 - Slack Line.....	43
Figura 10 - Rota 1.....	44
Figura 11 - Mapa da escola.....	45
Figura 12 - Mapa da escola com as coordenadas.....	45
Figura 13 - Slack Line.....	46
Figura 14 - Slack Line.....	48
Figura 15 - Socialização dos equipamentos de práticas corporais de aventura.....	49

RESUMO

As práticas corporais de aventura estão presentes na vida do ser humano, os quais procuram estas atividades com diferentes objetivos: esporte, lazer e/ou educação. Neste trabalho apresentamos as práticas corporais de aventura no âmbito da educação, pois acreditamos que se constitui um importante bloco de atividades que contribui significativamente na formação dos alunos. Nosso objetivo central foi desenvolver e analisar as práticas corporais de aventura enquanto conteúdo da educação física a partir da abordagem Crítico-Superadora. Para a elaboração da pesquisa, nos aproximamos dos pressupostos da metodologia Pesquisa-ação, onde há uma grande interação entre os pesquisadores e os sujeitos pesquisados; a pesquisa foi realizada em uma turma do ciclo dois de uma escola da rede municipal de ensino de Goiânia. A coleta de dados se deu com uso do diário de campo, e contou também com registro fotográfico e atividades avaliativas realizadas pelos alunos. Concluímos que as práticas corporais de aventura enquanto conteúdo das aulas de Educação Física contribuem significativamente na formação de alunos mais críticos e conscientes da realidade em que estão inseridos, e na transmissão de valores fundamentais no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: Práticas Corporais de Aventura, Abordagem Crítico-Superadora, Educação Física, Escola.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	09
2.1 Práticas corporais de aventura.....	09
2.2 Breve histórico da educação física escolar e suas principais tendências.....	16
3. A PESQUISA.....	24
3.1 Metodologia	24
3.2 Descrição da pesquisa	25
3.3 Sequenciador de aulas	27
3.4 Descrição E Análise De Dados	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
5. REFERÊNCIAS.....	57

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos as atividades de aventura vêm ganhando cada vez mais espaço, no âmbito dos esportes, lazer e educação, este crescimento se deu principalmente pela exposição midiática, que começou a ganhar força no final da década de 1990 e início de 2000.

Os indivíduos procuram as atividades de aventura, pois desejam vivências mais espontâneas e significativas, em uma fuga da rotina estressante e do caos urbano, promovendo a integração entre necessidade e prazer. (TAHARA e CARNICELLI FILHO, 2012, p.61).

A partir deste contexto começa a se pensar nas atividades de aventura na escola, uma vez que a Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento denominado aqui de cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

De acordo com TAHARA E CARNICELLI FILHO (2012, p.61-62),

Estas vivências constituem um bloco de atividades capaz de proporcionar às crianças e adolescentes variadas situações de relevada importância pedagógica por conta da transmissão eficiente de valores, atitudes e normas; da aprendizagem de conceitos integrados em diferentes âmbitos do conhecimento (processo interdisciplinar) e da realização de diversas experiências motoras de grande impacto emocional, pelas características intrínsecas dessas práticas em contato com o meio natural.

No entanto observamos que o conteúdo é pouco trabalhado nas aulas de Educação Física, os professores alegam que não possuem conhecimento, ou se queixam da falta de materiais e espaços necessários para realizar tal prática. Diante desta realidade o trabalho possui como objetivo central desenvolver e analisar as práticas corporais de aventura enquanto conteúdo da educação física a partir da abordagem pedagógica Crítico- Superadora, e como objetivo específico, Identificar de que forma este conteúdo contribui na formação pedagógica e social dos alunos.

Acreditamos que o conhecimento e as vivências com as práticas corporais de aventura contribuam na formação psicossocial, cultura e motora dos alunos. A fim de

contribuir na formação de um cidadão mais crítico, e com consciência ambiental, a partir de um conteúdo contribui na transmissão de valores, como cooperação, trabalho coletivo e dentre outros.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Professora Dalísia Elizabeth Martins Doles, Goiânia, GO. Foi desenvolvida na turma “H”, com alunos de faixa etária de doze a treze anos; estavam presentes nas aulas entre 20 e 25 alunos. As aulas foram ministradas pelo professor Gleison Gomes de Moraes e por nós, que assumimos durante as aulas, ao um mesmo tempo, o papel de estagiária (aluna da disciplina Estágio Curricular Supervisionado, da FEFD/UFG) e de pesquisadora.

Para a elaboração da pesquisa, nos aproximamos dos pressupostos da metodologia Pesquisa-ação, onde há uma grande interação entre os pesquisadores e os sujeitos pesquisados, e desta interação surge à solução ou esclarecimento de um determinado problema colocado, com o objetivo de transformação da realidade.

A coleta de dados se deu a partir de diário de campo, no qual foram registradas observações da pesquisadora de fatos concretos, fenômenos sociais, relações estabelecidas, comportamento do observado, descrição das atividades e outros, além de suas reflexões e comentários. A pesquisa contou também com registro fotográfico e atividades avaliativas realizadas pelos alunos ao longo do trimestre.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Práticas corporais de aventura

Existem diferentes termos para se referir a este tipo de práticas; o mais comum é Esporte de Aventura, nomenclatura mais utilizada e divulgada pela mídia, no entanto na literatura encontramos outros nomes, que estão diretamente ligados com alguma característica da atividade a ser desenvolvida.

De acordo com Franco (2008, p.20) já houveram diversas denominações: “esportes californianos, novos esportes, esporte tecnoecológicos, esportes em liberdade, esportes selvagens, esportes radicais, esportes extremos, esportes de ação, esportes alternativos”.

Neste trabalho utilizaremos o termo práticas corporais. De acordo com Lazzarotti et al, (2010), este termo aparece pela primeira vez em artigo do autor Fraga (1995), e passa a ser mais utilizado a partir de 1996, e ganha força entre os anos entre os anos de 2000 e 2008. No campo da educação física, o termo vem sendo utilizado por pesquisadores que possuem relação com as ciências sociais e humanas.

De maneira geral, nota-se que o termo “práticas corporais” vem aparecendo na maioria dos textos como uma expressão que indica diferentes formas de atividade corporal ou de manifestações culturais, tais como: atividades motoras, de lazer, ginástica, esporte, artes, recreação, exercícios, dietas, cirurgias cosméticas, dança, jogos, lutas, capoeira e circo. (Lazzarotti *et al*, 2010. p 24).

De acordo com Lazzarotti *et al* (2010), segundo os materiais analisados este termo se opõem ao biologicismo, que valorizava o corpo perfeito, utilizando práticas corporais de aventura o entendimento sobre o corpo possui outro significado, o autor destaca ainda a expressão “não só biológica”, aparece com frequência. .

Ainda de acordo com Inácio et al (2005),

Decidimos utilizar a expressão Práticas Corporais ao invés de atividade física, porque esta última nos remete a uma compreensão restrita de humano, limitada a uma concepção

biologista; enquanto a primeira possibilita um entendimento mais ampliado das múltiplas dimensões humanas. (Inácio *et al*, 2005b p. 69.).

As práticas corporais de aventura estão presentes na vida dos seres humanos desde os primórdios da humanidade, a partir do momento que se objetivaram a desbravar o seu meio natural, para a caça, conquista de novos territórios, e outras atividades ligadas á natureza. Estas atividades ancestrais vêm sendo institucionalizadas com regras específicas, e criou-se um nicho no mercado que se utiliza do termo “aventura”, oferecendo oportunidades de prática e de negócio, seja no âmbito do lazer ou competições.

De acordo com Franco (2008, p.14):

A superação de obstáculos naturais forçou o homem a criar técnicas e equipamentos no caminhar destes séculos, que serviram de base para as aventuras de hoje, sejam para conquistadores de verdade, competidores esportivos ou aventureiros de final de semana, todos em busca de “algo mais” em suas vidas. (FRANCO, 2008. p.14).

E para Franco, Cavasini e Darido (2014, p.103):

Foi a superação de obstáculos naturais que forçou a humanidade a criar técnicas e equipamentos no caminhar destes séculos, os quais serviram de base para as aventuras realizadas hoje em dia, por esportistas ou por interessados em aventuras em finais de semana. Indivíduos em busca de um retorno à essência humana, de reaproximação ao meio natural e ao desejo do desafio e superação de limites. (CAVASINI E DARIDO 2014, P.103).

Nos últimos anos as atividades de aventura vêm ganhando cada vez mais espaço, no âmbito dos esportes, lazer e educação, este crescimento se deu principalmente pela exposição midiática, que vislumbrou está pratica como esporte espetáculo e com fins mercadológicos, e começou a ganhar força no final da década de 1990 e início de 2000.

“Os indivíduos procuram as atividades de aventura, pois desejam vivências mais espontâneas e significativas, em uma fuga da rotina estressante e do caos urbano, promovendo a integração entre necessidade e prazer”. (TAHARA e CARNICELLI FILHO, 2012, p.61).

Já para Franco (2008) os indivíduos buscam estas atividades para resgatar um sentimento ancestral de retorno à essência humana, acontece na sua grande maioria no tempo livre, ou como profissão e ainda como possibilidade de conteúdo nas aulas de educação física no ambiente escolar, sustentado por uma proposta metodológica.

As atividades de aventura apresentam três âmbitos distintos de atuação, sendo eles o turístico-recreativo, o do rendimento-competição e o educativo-pedagógico, no que tange a esse último, estas vivências constituem um bloco de atividades capaz de proporcionar às crianças e adolescentes variadas situações de relevada importância pedagógica por conta da transmissão eficiente de valores, atitudes e normas; da aprendizagem de conceitos integrados em diferentes âmbitos do conhecimento (processo interdisciplinar) e da realização de diversas experiências motoras de grande impacto emocional, pelas características intrínsecas dessas práticas em contato com o meio natural. (TAHARA e CARNICELLI FILHO, 2012, p.61, 62.).

Franco (2008, p.16) nós traz uma série de questionamentos para pensarmos as práticas corporais de aventura enquanto conteúdo da educação física no ambiente escolar.

(...) por que essas atividades corporais não entram na escola? Será que os alunos, como futuros cidadãos, estão tendo acesso a um leque de informações que lhes permitirão escolher atividades físicas fora daquelas tradicionais esportivas? A falta de materiais pedagógicos, nas escolas, é fato, mas isso pode ser impedimento para implantarmos conteúdos diferentes dos tradicionais? O que os alunos poderiam aprender tendo contato com algumas dessas práticas? Como desenvolver estas atividades de aventura na escola? (FRANCO, 2008, p.16).

Franco (2008) acredita que ao inserir alunos em atividades que possuem o contato com a natureza, está possibilitando experiências com fatores ligados ao meio ambiente, a ecologia e a manutenção da biodiversidade, ou seja, contribuindo para um trabalho interdisciplinar com caráter reflexivo.

Estas atividades devem ter o mínimo de impactos ambientais, permitindo uma maior discussão pedagógica acerca do assunto práticas corporais de aventura na natureza, possibilitando uma melhoria na manutenção e qualidade do meio ambiente. (FRANCO, CAVASINI E DARIDO, 2014).

E para além da interdisciplinaridade, segundo FRANCO:

Defendemos as A.F.A. na escola, pois acreditamos que esse conhecimento e suas vivências proporcionem sensações e experiências que atinjam o afetivo, o cognitivo e o aspecto motor de um jovem estudante, mesmo que sejam práticas apenas adaptadas às estruturas pobres das escolas, mas plenamente passíveis da ligação do “Saber” com o “Saber Fazer”, sensações que estimulem as emoções dos adolescentes e os estimulem com desafios e superações de seus limites. (FRANCO, 2008, p.32-33).

Em um ambiente urbano, onde somos bombardeados diariamente com estímulos visuais, deixamos de lado outras potencialidades do nosso corpo, no meio natural podemos vivenciar ricas experiências sensíveis e emocionais, por meio de desenvolvimento das potencialidades olfativas, auditivas e táteis, já que os indivíduos estão inseridos em um ambiente extremamente rico, a natureza. (LEITE e HARTMANN P.67).

LEITE e HARTMANN destaca ainda a importância que estas práticas trazem para o desenvolvimento motor na vida dos indivíduos.

Além disto, o nível do trabalho corporal exigido na prática de algumas das Atividades Físicas de Aventura na Natureza é alto, sendo necessário o apuramento das capacidades físicas (força, velocidade, resistência, etc.) e das habilidades motoras (coordenação motora fina e global, lateralidade, etc.). A prática em si promove, também, o desenvolvimento das técnicas e o controle cada vez maior dos movimentos corporais. Dessa forma, percebe-se que, no aprendizado das Atividades Físicas de Aventura na Natureza, há um desenvolvimento físico e das capacidades e habilidades do indivíduo. (LEITE e HARTMANN P.67-68).

Para que estas práticas aconteçam de maneira coerente com as propostas, o professor deve estruturar os conteúdos, a fim de haver uma sensibilização com o meio ambiente, caso contrário estas atividades iram agir negativamente ao meio. Portanto para além das atividades práticas, é importante um momento de discussão e conscientização durante as aulas.

As práticas corporais de aventuras vão além de aprendizagens motoras, elas contribuem na formação do ser humano, e trabalhando princípios fundamentais em sua formação, tornam-se capazes de compreender o meio em que estão inseridos. Segundo Kunreuther (2011).

Acreditamos que as AFA proporcionam a auto-realização, liberdade, superação, emoção, desafio e prazer. Quando praticada na natureza,

representa mais uma possibilidade de aproximação entre o indivíduo e o meio ambiente, devido à interação com os elementos naturais e suas variações como o sol, o vento, montanha, rios, vegetações densas e desmatadas, lua, chuva e tempestade. (KUNREUTHER, 2011).

Durante as aulas de educação física percebemos que muitos alunos não se interessam em participar das aulas de educação física, os motivos são diversos, dentre eles, não possuir a técnica necessária para a modalidade esportiva, e estas modalidades estão na maioria das vezes ligadas aos esportes tradicionais (futebol, basquete, vôlei e handebol). Como a maioria dos alunos não possuem conhecimento técnico acerca das práticas corporais de aventura, o conteúdo será novo para todos os alunos, assim demonstraram maior interesse diante do “novo”, e não se sentiram inferiores tecnicamente em relação aos colegas.

Já no caso dos esportes na natureza, o tempo/espaço de prática é comum a todos, independentemente do seu nível de aptidão física, já que este critério não é um elemento que orienta prioritariamente essas práticas. Desse modo, um atinge-se mais facilmente um ambiente de convívio harmonioso, entre homens e mulheres, adultos, crianças e idosos, tornando-se portanto, intergeracional. (DIAS, 2004 p.5).

Deparamo-nos com um fator limitador, levando em conta que a maioria dos professores de educação física não teve em sua formação disciplinas que atendessem este conteúdo, somente nos últimos anos encontramos pequenas discussões acerca do tema. Segundo Tahara e Carnicelli filho (2012, p.63).

“As discussões sobre este eixo temático do lazer são ainda incipientes dentro dos cursos de formação onde deve haver mais iniciativas para o desenvolvimento das atividades de aventura nos currículos de graduação, evitando um grande distanciamento entre a parte teórica e a prática pedagógica”. (TAHARA e CARNICELLI FILHO, 2012, p.63.)

Outro fator limitador diz respeito aos materiais e espaços necessários para realizar as aulas práticas; ao analisar a realidade da maioria das escolas públicas brasileiras nos deparamos com a precarização dos espaços e a falta de recursos materiais. No entanto a partir do referencial teórico pesquisado compreendemos que existem inúmeras possibilidades de trabalhar com o conteúdo, a partir de adaptações de materiais e trabalhar com modalidades que não necessitam de muitos materiais específicos, como por exemplo, o esporte de orientação.

Apesar de estas atividades serem adaptadas de acordo com a realidade estrutural e material da escola, elas possibilitam uma rica experiência, estimulando os alunos a sentirem diferentes emoções, capazes de proporcionar momentos únicos, por meio de atividades que desafiam a superação dos limites dos alunos. Para que estas atividades aconteçam o professor tem um papel fundamental já que está lidando com a formação de cidadãos (FRANCO, CAVASINI E DARIDO, 2014).

De acordo com Tahara e Carnicelli Filho,

É inegável que muitos obstáculos e dificuldades irão permear o caminho do professor que (tentar) inovar suas aulas com tais conteúdos, mas a persistência e vontade em propor aos educandos algo diferente dos conteúdos habituais das aulas de educação física deve ser ainda maior, uma vez que já foi debatido e comprovado em estudos que a relação “Atividades de Aventura- Educação Física Escolar” pode ter relativo sucesso pedagógico e educacional entre os alunos. (TAHARA e CARNICELLI FILHO, 2012, p.66.)

Franco, Cavasini e Darido (2014), trazem uma classificação das práticas corporais de aventuras de acordo com o ambiente no qual elas acontecem, na terra, água e no ar.

Modalidades Praticadas em Terra	Breve descrição
<i>Caving</i>	Exploração de diferentes tipos de cavernas que se empregam técnicas variadas.
Corrida de aventura	Prática competitiva que objetiva o deslocamento entre pontos em locais naturais, contendo diversas modalidades de aventura encadeadas.
Corrida de orientação	Prática competitiva que emprega mapa específico e bússola para navegar entre pontos determinados.
Arvorismo	Prática focada na superação de desafios e obstáculos, geralmente construídos entre plataformas suspensas nas árvores.
Escalada	Prática cujo objetivo é, normalmente, ascender em estruturas com diferentes graus de dificuldade, como rochas e muros de escalada.
<i>Mountain bike</i>	Prática de ciclismo realizada em espaços naturais como trilhas.
<i>Parkour</i>	Deslocamento de um ponto para outro, usando habilidades corporais para a superação de obstáculos.
<i>Skate</i>	Prática que emprega equipamento, normalmente composto por prancha e eixos com rodas, para a realização de diferentes movimentos e manobras.
<i>Slackline</i>	Deslocamento realizado sobre uma fita tubular presa entre pontos que estão acima do solo.
<i>Trekking</i>	Prática centrada na caminhada, normalmente, em trilhas e espaços naturais, podendo ser competitiva ou não.
Modalidades praticadas na água	
Canoagem	Prática realizada em mares, lagos, rios, piscinas ou outros espaços e que emprega caiaques, canoas ou botes.
Kitesurfe	Prática que emprega uma espécie de pipa e uma pequena prancha com uma estrutura de suporte para os pés.
Mergulho	Prática subaquática que é realizada com ou sem equipamentos específicos.
Rafting	Modalidade da canoagem que, normalmente, emprega botes infláveis para a descida de corredeiras.
<i>Stand up paddle</i> ou <i>SUP</i>	Prática realizada com uma prancha, similar à usada no surfe, que também emprega um remo.
Surfe	Prática realizada com diferentes tipos de pranchas que objetiva deslizar sobre ondas e realizar manobras.
<i>Acqua ride</i> ou bóia <i>cross</i>	Consiste em descer corredeiras deitado ou sentado sobre uma câmara de ar em formato ovalado.
Windsurfe	Prática realizada com uma prancha, similar à usada no surfe, que possui mastro e vela.
Modalidades praticadas no ar	
Asa delta	Prática de voo livre que emprega um tipo de asa feita de materiais rígidos, como tubos de alumínio, e flexíveis, como tecidos.
Balonismo	Deslocamento realizado com balões.
<i>Bungee jump</i>	Salto de estruturas elevadas, como plataformas e pontes, por meio de cordas elásticas.
<i>Paragliding</i>	Prática de voo livre que emprega equipamento similar a um paraquedas.
Paraquedismo	Saltar de aeronaves empregando paraquedas. Há o B.A.S.E. Jump, cujo salto com paraquedas é realizado em pontes, prédios e penhascos.
Tirolesa	Deslizamento realizado com equipamentos individuais, em um cabo de aço fixado entre pontos de diferentes alturas.

Figura 1: Quadro de Classificação das práticas corporais de aventura.
 Fonte: Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento n.4 (2014) p. 106.

Compreendemos que o referencial teórico apresenta as práticas corporais de aventura a partir de diferentes correntes pedagógicas, no entanto enfrentamos grande dificuldade para encontrar conteúdos científicos acerca do tema. Nossa pesquisa se apropriou da pedagogia Crítico-Superadora.

2.2 Breve histórico da educação física escolar e suas principais tendências.

A educação física enquanto conteúdo escolar foi inserido oficialmente no Brasil no século XIX, em 1851, com a reforma Couto Ferraz, e ao longo de sua história estiveram presentes diferentes propostas educacionais, que influenciam até hoje na formação e na prática pedagógica dos professores. Em 1882 a educação física, que na época chamada de ginástica, passa a ser recomendada para ambos os sexos nas escolas, no entanto observa-se que a lei ocorreu de fato somente no Rio de Janeiro e nas escolas militares, e somente no ano de 1920 começa a ganhar espaço nos demais estados brasileiros (DARIDO, 2003).

“No período da década de 30 a educação física possui como objetivo valorizar o desenvolvimento físico e moral, a partir de exercícios físicos, baseados em uma perspectiva higienista.” (DARIDO, 2003 p.12). A partir desta perspectiva almeja-se um indivíduo com características fundamentais para auxiliar no processo de desenvolvimento do país naquela época.

De acordo com Castellani,

Tendo suas origens marcada pela influência das instituições militares, contaminadas pelos princípios positivistas e uma das que chamou para si a responsabilidade pelo estabelecimento e manutenção da ordem social, quesito básico à obtenção do almejado Progresso, a educação física no Brasil, desde o século XIX, foi entendida como um elemento de extrema importância para forjar um indivíduo “forte”, “saudável”, indispensável à implementação do processo de desenvolvimento do país que, saindo da sua condição de colônia portuguesa, no início da segunda década daquele século, buscava construir seu modo de vida (CASTELLANI, 2010, p. 38-39).

E de acordo com o Coletivo de Autores (2009, p.51), “cuidar do corpo significa também da nova sociedade da nova sociedade em construção, uma vez que, como se já se afamou, a força de trabalho produzida e posta em ação é fonte de lucro”.

Diante deste contexto histórico que a educação física estava inserida, surge a necessidade de uma sistematização voltada para a escola, e no início de século XX, surge os métodos ginásticos, os principais foram propostos pelo sueco R.H. Ling, pelo francês Amoros e pelo alemão Spiess, preocupados em valorizar a ginástica na

escola. (DARIDO, 2003). Ainda baseados na ideia de desenvolver sujeitos “saudáveis”, a educação física passa a ganhar espaço no sistema educacional brasileiro.

Esses autores tiveram o mérito de aliar ao desenvolvimento da ginástica ou educação física na escola garantia de um espaço de respeito e consideração da área perante os demais componentes curriculares. Dessa maneira, a educação física ministrada na escola começou a ser vista como importante instrumento de aprimoramento físico dos indivíduos que, “fortalecidos” pelo exercício físico, que em si gera saúde, estariam mais aptos para contribuir com a prosperidade da pátria (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 52).

Esta teoria era legitimada a partir de um referencial advindo das ciências biológicas, onde os exercícios eram pautados a partir de estudos advindo desta área, é neste cenário que o médico ganha maior destaque, visto como detentor do conhecimento que vai orientar as demais áreas, inclusive a educação física escolar, que possuía como objetivo desenvolver a aptidão física dos indivíduos (COLETIVO DE AUTORES, 2009).

Ambas as concepções higienista e militarista da Educação Física consideravam a Educação Física como disciplina essencialmente prática, não necessitando, portanto, de uma fundamentação teórica que lhe desse suporte. Por isso, não havia distinção evidente entre a Educação Física e a instrução física militar (DARIDO, 2003, p.13).

Após a segunda guerra mundial, e simultaneamente o Estado Novo no Brasil, surge outra tendência no âmbito da educação física, influenciada por uma perspectiva norte americana denominada de Escola nova, que considera que os conteúdos contribuem para o desenvolvimento integral das crianças, passando de uma valorização do biológico, para o sócio- cultural, no entanto observamos que não rompem com o modelo tecnicista, agora baseado nos esportes de alto rendimento (DARIDO, 2003).

Isso indica a subordinação da educação física aos códigos/sentidos da instituição esportiva, caracterizando-se o esporte na escola como um prolongamento da instituição esportiva: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional. Esses códigos podem ser resumidos em: princípios de rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e recordes, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas etc. (COLETIVO DE AUTORES, 2009 p.53-54).

Com uma educação física voltada para o esporte de alto rendimento, a relação professor-aluno também é afetada, o professor assume papel de treinador e o aluno de atleta, e o objetivo da aula é voltado para o aprendizado da técnica. Neste período há um amento na produção acadêmica relacionado à fisiologia do exercício, á biomecânica e a teoria do treinamento, contribuindo para uma valorização da educação física no campo das ciências (DARIDO, 2003).

Por meados do final da década de 1970 e início da década 1980 surgem outros movimentos na educação física que visam romper as tendências higienista/tecnicista vigentes naquela época. Este movimento se deu a partir abertura política no cenário brasileiro, a entrada da educação física na área de ciências humanas e sociais, que desencadeou uma análise crítica acerca da educação física voltada para a alta performance e aptidão física (DARIDO, 2003).

BRACHT (1999, p. 77), destaca dois momentos importantes neste cenário:

Um primeiro momento dessa crítica tinha um viés cientificista. Por esse viés, entendia-se que faltava à EF ciência. Era preciso orientar a prática pedagógica com base no conhecimento científico, este, por sua vez, entendido como aquele produzido pelas ciências naturais ou com base em seu modelo de cientificidade. O desconhecimento da história da EF fez com que não se percebesse que esse movimento apenas atualizava o percurso e a origem histórica da EF e, portanto, que ele não rompia com o próprio paradigma da aptidão física. Nesse período vamos assistir à entrada em cena também de outra perspectiva que é aquela que se baseia nos estudos do desenvolvimento humano (desenvolvimento motor e aprendizagem motora). O segundo momento vai permitir, então, uma crítica mais radical à EF (BRACHT, 1999, p.77).

A educação física passar a ganhar espaço no meio universitário, os professores procuram a ser qualificar através dos cursos de graduação e pós-graduação, influenciados pelas ciências humanas e a filosofia de educação marxista (BRACHT, 1999).

As críticas realizadas acerca da aptidão física e esportiva, “foi dado pela análise da função social da educação, e da EF em particular, como elementos constituintes de uma sociedade capitalista marcada pela dominação e pelas diferenças (injustas) de classe”:

Toda a discussão realizada no campo da pedagogia sobre o caráter reprodutor da escola e sobre as possibilidades de sua contribuição para uma transformação radical da sociedade capitalista foi absorvida pela EF. A década de 1980 foi fortemente marcada por essa influência, constituindo-se aos poucos uma corrente que inicialmente foi chamada de revolucionária, mas que também foi denominada de crítica e progressista. Se, num primeiro momento – digamos, o da denúncia –, o movimento progressista apresentava-se bastante homogêneo, hoje, depois de mais de 15 anos de debate, é possível identificar um conjunto de propostas nesse espectro que apresentam diferenças importantes (BRACHT, 1999, p.78).

- **Abordagem Desenvolvimentista**

Com uma base teórica ligada a psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, a abordagem desenvolvimentista visa oferecer à educação física fundamentos de maneira a garantir o desenvolvimento normal de crianças no início de sua escolarização a partir dos movimentos corporais (BRACHT, 1999).

Para Tani *et al* (1988, p.2) a proposta explicitada por eles é uma abordagem dentre várias possíveis, é dirigida especificamente para crianças de quatro a quatorze anos e busca nos processos de aprendizagem e desenvolvimento uma fundamentação para a Educação Física escolar. Segundo eles é uma tentativa de caracterizar a progressão normal do crescimento físico, do desenvolvimento fisiológico, motor, cognitivo e afetivo-social, na aprendizagem motora e, em função destas características, sugerir aspectos ou elementos relevantes para a estruturação da Educação Física Escolar (DARIDO, 2003, p.4).

As aulas de educação física devem ter como objetivo central o ensino e aprendizagem do movimento, mas ressalta que haverá outras aprendizagens em decorrência das habilidades motoras, ligadas ao processo de alfabetização e compreensão de mundo e sociedade, mas são aprendizados paralelos, já que a abordagem não propõe a educação física enquanto meio para a solução dos problemas sociais (DARIDO, 2003).

Um dos conceitos mais importantes desta perspectiva é a de habilidade motora. De acordo com Darido (2003, p.4), “é através dela que os seres humanos se adaptam aos problemas do cotidiano, resolvendo problemas motores”, estas habilidades são mudadas e adaptadas ao longo da vida dos indivíduos.

De acordo com esta abordagem a educação física deve proporcionar diferentes estímulos motores para as crianças, variando do simples para o mais complexo, a fim de estar sempre colocando desafios frente as suas habilidades motoras. Outro aspecto importante, é que os estímulos e movimentos devem estar de acordo com a fase desenvolvimento da criança (DARIDO, 2003).

Os conteúdos devem obedecer a uma seqüência fundamentada no modelo de taxionomia do desenvolvimento motor, proposta por Gallahue (1982) e ampliada por Manoel (1994), na seguinte ordem: fase dos movimentos fetais, fase dos movimentos espontâneos e reflexos, fase de movimentos rudimentares, fase dos movimentos fundamentais, fase de combinação de movimentos fundamentais e movimentos culturalmente determinados (DARIDO, 2003, p.5).

A avaliação ocorre pelo professor, onde deve analisar se as crianças estão adquirindo as habilidades motoras de acordo com sua fase de desenvolvimento, compreendendo que o erro é fundamental para a aquisição destas habilidades (DARIDO, 2003).

- **Abordagem Construtivista-Interacionista**

Com o objetivo de romper com o tecnicismo, que exigia um desempenho máximo a partir das competições, a proposta construtivista-interacionista procura considerar as diferenças individuais, e compreender que os alunos trazem uma bagagem corporal e que este conhecimento deve ser valorizado (DARIDO, 2003).

(...) baseada principalmente nos trabalhos de Jean Piaget, utilizaremos as próprias palavras da proposta: "No construtivismo, a intenção é construção do conhecimento a partir da interação do sujeito com o mundo, numa relação que extrapola o simples exercício de ensinar e aprender. ... Conhecer é sempre uma ação que implica esquemas de assimilação e acomodação num processo de constante reorganização. (DARIDO, 2003, p.7,8).

Apesar desta perspectiva se preocupar com o processo de ensino-aprendizagem, a educação física pode ser vista como um caminho par atingir o objetivo, e por vezes fugir da sua especificidade, e ser utilizada para a aprendizagem da leitura, matemática e dentre outras (DARIDO, 2003, p.8).

Com uma crítica ao processo de ensino a partir das tendências tecnicistas que desenvolvia atividades com métodos diretivos que visava o ensino da técnica, esta nova proposta acredita que as crianças constroem o conhecimento a partir das relações sociais, e o processo de aprendizagem deve acontecer em um ambiente lúdico e prazeroso. A avaliação deve ser contínua, e com ênfase na auto avaliação (DARIDO, 2003, p.8).

- **Abordagem Crítico- Superadora**

Referência nacional e internacional na área da educação física, com grande relevância nos concursos públicos e políticas governamentais, o grupo Coletivo de Autores lançou o seu primeiro livro, Metodologia do Ensino de Educação Física, em 1992, seguido de quatorze reimpressões, sendo a última no ano de 2008 (COLETIVO DE AUTORES, 2008), a qual será consultada para a construção do nosso referencial teórico.

“Nessa perspectiva de entendimento, a reflexão pedagógica tem algumas características específicas: é diagnóstica, judicativa e teológica” (SOUZA, 1987:178-83 apud COLETIVO DE AUTORES, 2008 p.27). Caracteriza-se como diagnóstica, pois o sujeito emite um juízo de valor sobre determinado dado da realidade, a partir de sua interpretação, é judicativa, pois julga este determinado dado, é teológica, pois é desejável que se chegue a algum alvo (COLETIVO DE AUTORES, 2008).

Para a construção do projeto político- pedagógico o educador deve levar em conta os seguintes aspectos:

(...) qual o projeto de sociedade e de homem que persegue? Quais os interesses de classe que defende? Quais os valores, a ética e a moral que elege para consolidar através de sua prática? Como articula suas aulas com este projeto maior de homem e sociedade? (COLETIVO DE AUTORES, 2008 p.27).

De acordo com esta perspectiva o currículo deve contemplar às disciplinas de maneira articulada, pois no cotidiano dos alunos elas não aparecerem de maneira isolada, permitindo que eles tenham capacidade de interpretar os dados da

realidade de maneira crítica, e sejam capazes de compreender a importância que este conhecimento científico no seu cotidiano (COLETIVO DE AUTORES, 2008).

Ainda de acordo com esta obra:

Pode-se afirmar que uma disciplina é legítima ou relevante para essa perspectiva de currículo quando a presença do seu objeto de estudo é fundamental para a reflexão pedagógica do aluno e a sua ausência compromete a perspectiva de totalidade dessa reflexão. (COLETIVO DE AUTORES, 2008 p.30).

Em relação ao trato com o conhecimento, a escolha dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aulas devem ter significativa relevância social, ou seja, o professor deve levar em conta a realidade social e histórica do aluno para estes conteúdos terem sentido e significado. Outro princípio que deve ser levado em conta é o da contemporaneidade do conteúdo, onde o professor deve levar aos alunos o conteúdo mais moderno e contemporâneo que já foi produzido pela humanidade. Também se deve levar em conta a adequação às possibilidades sociocognitivas do aluno, onde o professor deve planejar as aulas de acordo com a capacidade cognitiva e a realidade social dos sujeitos. Outro princípio é da simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade, isto implica dizer que os conteúdos devem ser ensinados de maneira simultânea ao universo social e político dos alunos, e também simultâneo aos outros conteúdos das mais variadas disciplinas presentes na escola. E por último o princípio da provisoriidade do conhecimento, onde o professor deve apresentar a história do conteúdo a ser trabalhado. (COLETIVO DE AUTORES, 2008).

Para atingir estas demandas o Coletivo de Autores, 2008, propõem o ensino através dos ciclos de escolarização, onde o conhecimento deve ser transmitido de forma espiralada, ou seja, do simples para o mais complexo. O primeiro ciclo vai da pré-escola até a terceira série, é o ciclo de organização da identidade dos dados da realidade, neste ciclo o aluno não consegue fazer relações, portanto cabe ao professor propor atividades que permita aos alunos formar sistemas e encontrar relações entre os conteúdos. O segundo ciclo vai da quarta até a sexta série, é o ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento, o aluno consegue compreender conteúdos mais abstratos. No terceiro ciclo que vai sétima à oitava série, é o ciclo de ampliação da sistematização do conhecimento, ele consegue

analisar um determinado fato, tomando consciência teórica. O quarto e último ciclo compreende as séries do ensino médio, é o ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento, onde o aluno consegue refletir sobre os conteúdos que possibilita formar cidadãos críticos e conscientes da realidade em que vivem. (COLETIVO DE AUTORES, 2008).

A avaliação do processo ensino-aprendizagem é muito mais do que simplesmente aplicar testes, levantar medidas, selecionar e classificar alunos. De acordo com esta tendência, a educação física deve romper o paradigma docimológico clássico, onde a avaliação se centraliza na técnica, e ocorre por meio de testes e sistemas, com critérios classificatórios e seletivos. “A avaliação do processo de ensino aprendizagem é muito mais do que simplesmente aplicar testes, levantar medidas, selecionar e classificar alunos” (COLETIVO DE AUTORES, 2008).

Para a abordagem Crítico Superadora não basta aprender o jogo pelo jogo, ou o esporte pelo esporte, o professor deve criar ferramentas pedagógicas, afim de o conteúdo ser historicizado criticamente e compreendido em sua totalidade enquanto um conhecimento construído culturalmente, e visto ainda como instrumento de crítica da realidade em que o aluno está inserido (COLETIVO DE AUTORES, 2008).

3. A PESQUISA

3.1 Metodologia

Para a elaboração da pesquisa, nos apropriamos da metodologia Pesquisa-ação, onde há uma grande interação entre os pesquisadores e os sujeitos pesquisados, e desta interação surge à solução ou esclarecimento de um determinado problema colocado, com o objetivo de transformação da realidade.

Segundo THIOLENT (1998, p.14):

A pesquisa ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Portanto nossa concepção epistemológica é caracterizada como empírica, por levar em conta dados obtidos através da experiência e vivências do pesquisador, tais dados podem ser coletados a partir de fontes diretas, pessoas que conhece, vivenciara m ou tem conhecimento sobre o tema (THIOLENT, 1998).

No Brasil a pesquisa se desenvolve em diversos campos de atuação, educação, comunicação, organização, serviço social, difusão de tecnologia rural e etc. Possui um alcance intermediário entre o nível macro-social, caracterizado por alcançar um grande grupo a nível nacional e internacional, e o nível micro-social, que corresponde a um grupo pequeno (THIOLENT, 1998)

Os objetivos não são definidos pelas pessoas, pois irá depender da realidade social na qual os sujeitos estão inseridos. Segundo THIOLENT, a pesquisa deve ser capaz de “dar aos pesquisadores e grupos participantes os meios de se tornarem capazes de responder com mais eficiência aos problemas da situação em que vivem”, com a finalidade de transformar o meio em que vivem. (THIOLENT, 1998)

3.2 Descrição da pesquisa

A pesquisa acerca deste tema se iniciou em agosto de 2013 através de um grupo de estudos, sob a orientação do Professor Humberto Luís de Deus Inácio, da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás. No entanto me aproximei do projeto em agosto de 2014, o grupo era formado por dois professores da faculdade, o coordenador Humberto Inácio e Dayse Cauper, dois professores da rede municipal de Ensino de Goiânia - Gleison Gomes e Luzia Silva, e quatro estudantes do curso de Educação Física- Licenciatura, Lídia Machado e Caroline Castro e Souza, estudantes do oitavo período que estavam realizando seus trabalhos de conclusão de curso sobre o tema práticas corporais de aventura. Eu e mais um colega de sala, Victor Hugo, que neste momento estávamos no sexto período, participamos de algumas reuniões que aconteciam todas as segundas-feiras no período noturno, estas reuniões eram destinadas para discutirmos textos e artigos acerca do tema práticas corporais de aventura, nos apropriamos de conceitos, e começamos a compreender como este tema se faz presente na educação física escolar, no entanto devido a outras demandas acadêmicas, eu e meu colega de sala nos afastamos do projeto.

No primeiro semestre de 2015 retornei para o projeto, neste momento como bolsista do programa PROLICEM, juntamente com outra acadêmica do curso de educação física- licenciatura do quinto período, Laleska Guiotti. Durante o primeiro semestre de 2015 realizamos diversas reuniões, eu, Laleska e o coordenador Humberto, foi um período muito importante.

As intervenções ocorreram na Escola Municipal Professora Dalísia Elizabeth Martins Doles, localizada no setor Goiânia 2, a escolha desta escola se deu em virtude do professor Gleison já ter participado deste projeto no ano anterior, e a instituição ser a mesma do meu campo de estágio. As aulas se iniciaram em agosto de 2015 e teve a duração de dois meses, totalizando dezessete aulas. As intervenções aconteceram às segundas e terças feiras, com duração de uma hora, das 9:30 às 10:30, a escolha da turma se deu a partir dos meus horários disponíveis. Escolhemos uma turma do ciclo dois- H1, que contava com aproximadamente 24 alunos.

A aula foi ministrada na maioria das vezes pelo professor Gleison com o meu auxílio, salvo algumas exceções em que fui a responsável por ministrar a aula. Para a coleta de dados utilizei diários de campos, que eram escritos após a aula, já que participava ativamente das intervenções, e também contei com registros fotográficos. O planejamento das aulas acontecia de forma coletiva entre os professores, marcávamos reuniões periódicas e trocávamos e-mails, já que o sequenciador não consistia em um planejamento engessado, e sofria diversas alterações de acordo com o andamento das atividades. Para a metodologia, utilizamos como referencial teórico o livro Coletivo de Autores (2008), que defende a pedagogia Crítico-Superadora.

3.3 Cronograma de Atividades

Data	Conteúdo
03/08 (2ª feira)	Introdução ao tema Práticas Corporais de Aventura, e questões para verificar o que os alunos traziam de bagagem acerca do conteúdo.
04/08 (3ª feira)	Mapeamento da escola por meio de desenho, dos possíveis lugares para realizar as práticas corporais de aventura.
10/08 (2ª feira)	Vídeos de práticas corporais de aventura em diferentes meios de acordo com a sua classificação.
11/08 (3ª feira)	Sistematização das possíveis práticas corporais de se realizar na escola.
17/08 (2ª feira)	Vivências das atividades criadas pelos alunos e algumas criadas pelos professores.
18/08 (3ª feira)	Avaliação da aula anterior e explicação teórica do conteúdo corrida de orientação
24/08 (2ª feira)	Aula prática de slack line
25/08 (3ª feira)	Aula prática de slack line
31/08 (2ª feira)	Aula prática de slack line
01/09 (3ª feira)	Corrida de orientação
08/09 (3ª feira)	Avaliação da corrida de orientação
14/09 (2ª feira)	Houve uma aula de brincadeiras tradicionais em comemoração a semana do cerrado
15/09 (3ª feira)	Houve uma palestra sobre o cerrado com um convidado.
21/09 (2ª feira)	Não houve aula, pois o professor foi acompanhar os alunos nos jogos do município.
22/09 (3ª feira)	Os dois professores não conseguiram levar o material necessário para a aula, que era o slack line, e então ministraram uma brincadeira

28/09 (2ª feira)	Slack Line
29/09 (3ª feira)	Socialização dos instrumentos de práticas corporais de aventura e avaliação do trimestre

3.4 Descrição e Análise de dados

A análise e descrição das aulas aconteceram por categorias, a partir da pesquisa elegemos pontos que acreditamos serem recorrentes em várias intervenções.

- **Relevância social do conteúdo**

Nos últimos anos as práticas corporais de aventura vêm ganhando cada vez mais espaço, no âmbito dos esportes, lazer e educação, este crescimento se deu principalmente pela exposição midiática, que vislumbrou esta prática como esporte espetáculo e com fins mercadológicos, que começou a ganhar força no final da década de 1990 e início de 2000.

A partir desta exposição midiática esta prática se tornou mais comum no cotidiano das pessoas, e vêm ganhando milhares de adeptos e conseqüentemente atingido a vida de crianças e adolescentes, seja como praticantes ou como telespectadores. De acordo com o Coletivo de Autores (2008), a educação física trata, pedagogicamente, de um conhecimento denominado de cultura corporal, portanto cabe ao professor levar este conhecimento para os alunos, enquanto conteúdo das aulas de educação física, a partir de um âmbito educativo-pedagógico.

De acordo com o Coletivo de Autores (2008), a relevância social do conteúdo implica:

(...) compreender o sentido e significado do mesmo para a reflexão pedagógica escolar. Este deverá estar vinculado á explicação da realidade social concreta e oferecer subsídios para a compreensão dos determinantes sócio- históricos do aluno, particularmente a sua condição de classe social (COLETIVO DE AUTORES, 2008, p.32).

Compreendemos que o conteúdo possui significativa relevância social, haja visto que se trata de um conhecimento presente de diferentes formas no cotidiano

de milhares de estudantes, a partir da realidade social, se tratando de uma escola pública que atende alunos de classe média baixa, e histórica, onde a maioria dos alunos não tiveram contato com este conteúdo nas aulas de educação física. Procuramos trabalhar o conteúdo de maneira que promova sentido e significado para os mesmos.

De acordo com Tahara e Carnicelli Filho (2012),

estas vivências constituem um bloco de atividades capaz de proporcionar às crianças e adolescentes variadas situações de relevada importância pedagógica por conta da transmissão eficiente de valores, atitudes e normas; da aprendizagem de conceitos integrados em diferentes âmbitos do conhecimento(processo interdisciplinar) e da realização de diversas experiências motoras de grande impacto emocional, pelas características intrínsecas dessas práticas em contato com o meio natural. (TAHARA e CARNICELLI FILHO, 2012, p.61-62).

No primeiro dia de aula, aplicamos um questionário para os alunos, a fim de introduzir o conteúdo, e analisar o que entendem e trazem de bagagem acerca das práticas corporais de aventura, e conseqüentemente compreender a relevância social do conteúdo. Após os alunos responderem os questionários, socializaram suas repostas com o restante da turma de forma oral, este momento foi conduzido pelo professor, que promovia discussões e debates a partir das repostas dos alunos.

O questionário foi composto por três questões, à primeira perguntava o que era aventura de acordo com a opinião deles, nas respostas apareceram que a aventura está ligada á algumas atividades, como por exemplo, escalar uma montanha, saltar de paraquedas, e outras atividades ligadas ao seu cotidiano, como por exemplo, tocar uma companhia e sair correndo, muitas respostas traziam como aventura, situações de riscos e perigos e que despertava diversas sensações, alguns alunos trouxeram que aventura está presente em algumas brincadeiras, mas não exemplificaram.

A segunda questão perguntava quais as sensações que ocorrem no nosso corpo quando estamos em uma situação de aventura, de acordo com os alunos as sensações são de adrenalina, medo, prazer, alegria, liberdade, de acordo com um aluno: “senti um frio na barriga”. Franco (2008), diz que através dos desafios

colocados a partir de práticas corporais de aventura, os adolescentes são estimulados a partir de diferentes sensações e emoções a superar seus limites.

A terceira e última questão era em quais espaços as práticas corporais de aventura podem acontecer, de acordo com os alunos podem acontecer em diversos lugares, como por exemplo, na rua, na escola, na casa, parques, de acordo com um aluno: “no ar tipo a pessoa está pulando de paraquedas”, e apareceram também que podem acontecer na terra e na água. A partir destas respostas e das discussões realizadas em sala, pudemos compreender a relevância social do conteúdo na vida dos estudantes, assim demos sequência ao nosso planejamento, sempre nos baseando na realidade sociocultural dos alunos.

- **Contemporaneidade do conteúdo**

Além de garantir que o conteúdo possua relevância social para os alunos, o professor deve garantir a contemporaneidade do conteúdo, de acordo com o Coletivo de Autores (2008), este princípio, “deve garantir aos alunos o conhecimento de que mais moderno existe no mundo contemporâneo, mantendo-o informado dos acontecimentos nacionais e internacionais, bem como do avanço e da técnica”. (COLETIVO DE AUTORES, 2008, p.32).

A fim de atingir este princípio, realizamos diversos grupos de estudos, anteriores a pesquisa, onde nos apropriamos de um conhecimento científico a partir da leitura de artigos publicados em revistas, leitura de livros e dentre outros, seguidos de discussões. Este período foi fundamental para ampliar nosso conhecimento, e adquirir uma visão crítica acerca do conteúdo.

Durante a construção do sequenciador de aulas procuramos nos apropriar de um conhecimento moderno, construído no mundo contemporâneo, com o objetivo dos alunos terem acesso a um conhecimento avançado da ciência e da técnica.

- **Ensino e adequação às possibilidades sociocognoscitivas dos alunos.**

Enquanto conteúdo específico das práticas corporais de aventura a ser trabalhado ao longo o trimestre, escolhemos em conjunto com os alunos nas primeiras aulas, pois compreendemos que este conhecimento deve se adequar às possibilidades sociocognoscitivas dos alunos. De acordo com o Coletivo de Autores (2008, p.33),

Um outro princípio curricular para a seleção dos conteúdos de ensino é o de adequação às possibilidades sociocognoscitivas do aluno. Há de se ter no momento da seleção, competência para adequar á capacidade cognitiva e á prática social do aluno, ao seu próprio conhecimento e às suas possibilidades enquanto sujeito histórico.

Decidimos coletivamente enquanto conteúdo específico à corrida de orientação e o slack line, respeitando á pratica social dos alunos, já que estes conteúdos se fazem presentes em suas vidas. Chegamos a esta conclusão após as primeiras aulas.

Como já citado neste trabalho, na primeira aula aplicamos um questionário para os alunos a fim de introduzir e analisar o que eles entendem e trazem de bagagem acerca do conteúdo práticas corporais de aventura. A segunda aula teve como objetivo fazer com que os alunos andassem pela escola identificando os espaços onde há a possibilidade de inserção de alguma prática corporal de aventura e posteriormente desenharem no caderno em forma de mapa. O primeiro momento da aula aconteceu na sala de aula, onde o professor esclareceu o objetivo da aula, e pediu para que os alunos fossem fazendo anotações no caderno no decorrer da aula, que ocorreu no espaço externo da escola.

O segundo momento da aula aconteceu em outros espaços da escola, o primeiro espaço foi à quadra, alguns alunos sugeriram como atividade de aventura, pular o mudo da quadra, escalar a grade e dentre outros, todas as observações neste momento foram feitas de forma oral. Uma fala de um aluno nos chamou bastante atenção, segundo ele era difícil pensar as práticas corporais de aventura na escola, pois estas atividades necessitam de diversos equipamentos.

O próximo espaço de identificação foi á parte gramada da escola, lá muitos alunos sugeriram a corrida de orientação, demonstrando bastante interesse, segundo eles consistiam em uma atividade prazerosa e que não necessitava de grandes equipamentos, e outros alunos que não conheciam a prática demonstraram curiosidade.

O ultimo espaço visitado foi uma parte arborizada, que fica localizada próximo ao estacionamento, lá os alunos sugeriram atividades como subir em árvores. Neste momento um aluno encontrou um ninho de pássaro na árvore, e sugeriu para tira-lo já que iria atrapalhar futuras atividades, neste momento o professor fez uma intervenção, e destacou a importância de preservar a natureza.

O terceiro momento da aula foi destinado para que os alunos desenhassem um mapa da escola no caderno, a aula foi encerrada com uma conversa, onde o professor destacou a importância de alguns princípios que serão necessários ao longo das próximas aulas, como o trabalho coletivo, cooperação, onde todos vão se ajudar, e disciplina durante a realização das atividades, contribuindo também para a segurança de todos. Esta segunda aula foi fundamental para a escolha do conteúdo corrida de orientação, a partir do grande interesse dos alunos.



Figura 1: Sistematização dos espaços observados
Fonte: A autora

A terceira aula teve como objetivo assistir vídeos de práticas corporais de aventura em diferentes meios. No primeiro momento da aula, o professor classificou as práticas corporais de aventura de acordo com o local em que acontecem na terra, na água e no ar, para explicar aos alunos esta classificação o professor fez um esquema no quadro e foi preenchendo de acordo que ia passando o vídeo.

Esta aula foi fundamental para os alunos visualizarem algumas práticas corporais de aventura e perceberam que são possíveis de realizar na escola, este foi um ponto de bastante discussão ao longo da aula. Outras discussões importantes surgiram durante a aula, como por exemplo, a importância da técnica, o processo de adaptação dos materiais, a elitização destas práticas.

Franco (2008, p.16) nos traz uma série de questionamentos para pensarmos as práticas corporais de aventura enquanto conteúdo da educação física no ambiente escolar.

(...) por que essas atividades corporais não entram na escola? Será que os alunos, como futuros cidadãos, estão tendo acesso a um leque de informações que lhes permitirão escolher atividades físicas fora daquelas tradicionais esportivas? A falta de materiais pedagógicos, nas escolas, é fato, mas isso pode ser impedimento para implantarmos conteúdos diferentes dos tradicionais? O que os alunos poderiam aprender tendo contato com algumas dessas práticas? Como desenvolver estas atividades de aventura na escola?

A quarta aula também foi fundamental para a escolha dos conteúdos específicos; teve como objetivo fazer com que os alunos sistematizassem de maneira escrita algumas práticas corporais de aventura possíveis de se realizar na escola, para estas atividades foram formados grupos compostos de aproximadamente cinco alunos, a descrição das atividades deveria responder as seguintes questões: O que é? Local? Materiais Necessários? Durante o decorrer da aula os professores passavam nos grupos, auxiliando os alunos.

No segundo momento da aula, um representante de cada grupo apresentou as atividades pensadas e criadas coletivamente para os professores e demais colegas, ao final de cada apresentação houve um momento de avaliação coletiva, avaliando se eram possíveis de ocorrerem na escola, se necessitava de materiais e

dentre outros. Este foi o um momento que instigamos os alunos a utilizarem sua criatividade, aliado ao trabalho coletivo, já que esta atividade foi em grupo. O primeiro grupo composto de cinco alunos sugeriram as seguintes atividades: escaladas, corrida com obstáculos, escorregar em uma lona, e bicicletas dos colegas, segundo eles as atividades poderiam acontecer no interior da escola, mas não especificaram os lugares.

O segundo grupo composto por cinco alunos, sugeriram como atividades: passar por baixo de obstáculos, guerra de balão de água, slack line, bike cross, parkour com obstáculos, como materiais colocaram o pneu, e desenharam um mapa para demonstrar onde as atividades poderiam acontecer. O terceiro grupo foi composto por cinco alunas, como atividades sugeriram um circuito com obstáculos, os materiais indicados foram corda, cone, bola, cesta de basquete, bambolê, fita e cadeira, e como local da atividade sugeriram a quadra. O quarto grupo composto por quatro alunos, sugeriram como atividade escalar a grade da quadra, e em seguida um circuito, onde a primeira atividade era novamente escalar a grade da quadra, em seguida, uma corrida no corredor da entrada da escola, um rapel da grade das salas de aula, em seguida o slack line, uma corrida entre pneus, e por ultimo deslizar por baixo de um arame.

O quinto e último grupo, foi composto por quatro alunos, e sugeriram três atividades, a primeira consistia em colocar uma lona preta com água e sabão líquido e sair deslizando, o local indicado foi o pátio coberto. A segunda atividade consistia em saltar as grades da quadra, a terceira e última atividade sugerida foi um futebol de sabão, onde seria realizado na parte gramada da escola, e como material utilizaria uma lona preta e sabão.

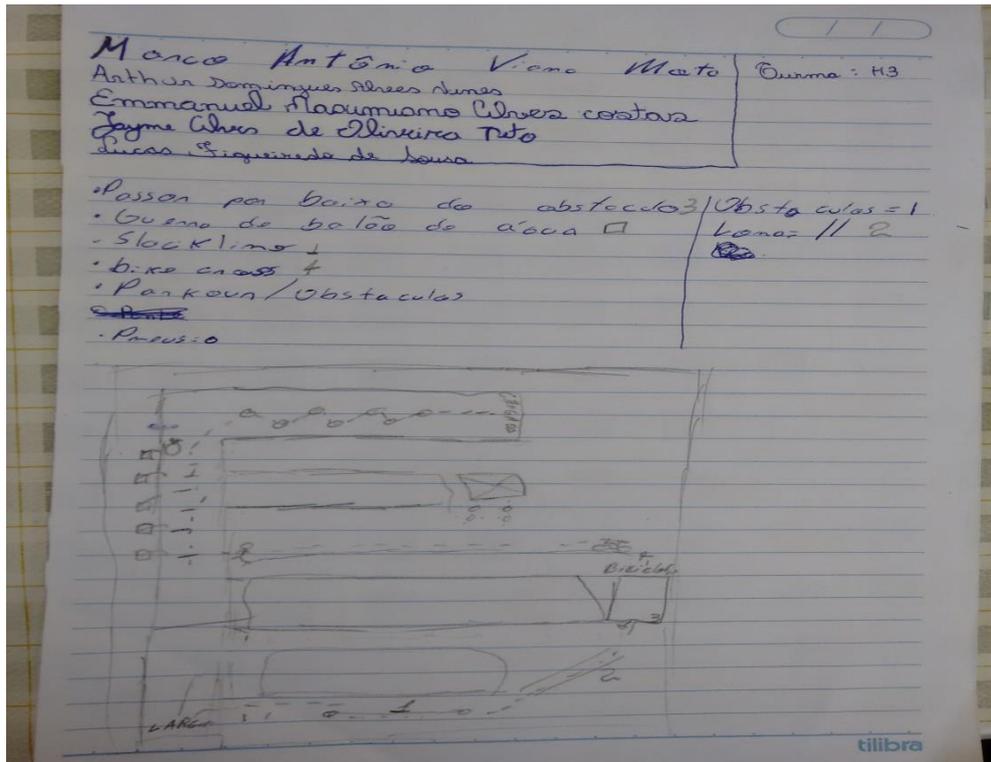


Figura 2: Sistematização das práticas corporais de aventura
Fonte: A Autora

- **Simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade**

Outro princípio fundamental é o da simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade, de acordo com Coletivo de Autores (2008), “a partir deste princípio os conteúdos de ensino são organizados e apresentados aos alunos de maneira simultânea”.

Os conteúdos a serem apresentados para os alunos deve ter relação com a realidade, rompendo com a ideia de etapismo presente na organização curricular conservadora, o que irá variar de uma série para a outra, é a complexidade que os conhecimentos são apresentados. (COLETIVO DE AUTORES, 2008).

Ao longo das aulas procuramos ressaltar a importância da preservação do meio ambiente durante a realização das práticas corporais de aventura, como por exemplo durante a montagem do Slack Line colocávamos uma proteção nas árvores.

Estas atividades devem ter o mínimo de impactos ambientais, permitindo uma maior discussão pedagógica acerca do assunto práticas corporais de aventura na

natureza, possibilitando uma melhoria na manutenção e qualidade do meio ambiente (FRANCO, CAVASINI E DARIDO, 2014).

Para que estas práticas aconteçam de maneira coerente com as propostas, o professor deve estruturar os conteúdos, a fim de haver uma sensibilização com o meio ambiente, caso contrário estas atividades iram agir negativamente ao meio. Portanto para além das atividades práticas, é importante um momento de discussão e conscientização durante as aulas.

- **Provisoriedade do conhecimento**

De acordo com o Coletivo de Autores (2008, p.34), o aluno deve ter acesso a um conhecimento moderno e contemporâneo, e também é fundamental que os alunos compreendam a historicidade deste conteúdo, “desenvolvendo a noção de historicidade retrazendo-o desde a sua gênese, para que este aluno se perceba enquanto sujeito histórico”.

Ao longo das aulas levantamos aspectos referentes à história das práticas corporais de aventura, e como ela se faz presente no nosso cotidiano, no entanto foi na sexta aula que aprofundamos no assunto, a partir de uma aula teórica expositiva.

Nesta aula nos aprofundamos na corrida de orientação, explicando onde surgiu, o contexto histórico daquele determinado momento, e como esta prática chegou no Brasil. Também levantamos suas principais características e suas regras mais comuns, com destaque a preservação da natureza. Finalizamos a aula destacando algumas habilidades presentes, e como este conteúdo é possível de ser trabalhado nas aulas de educação física.

O mesmo foi feito com o conteúdo slack line, no entanto aconteceu na sétima aula e foi realizado próximo onde a fita de slack line foi montada, que se localizava na parte arborizada da escola, aconteceu de forma oral, onde o professor destacou sua origem ligada ao montanhismo, suas principais características, e suas diferentes modalidades.

- **Técnica**

Na concepção crítico-superadora a técnica e a tática são importantes, haja visto que foi um conhecimento historicamente produzido pela humanidade e o professor tem o papel de transmitir este conhecimento para os seus alunos, no entanto ela não deve ser colocada como os únicos conteúdos a serem trabalhados. (COLETIVO DE AUTORES, 2008).

Ao longo das aulas procuramos esclarecer para os alunos que a técnica assim como a competição são importantes durante as atividades, a questão é como lidamos com ela, durante as aulas priorizamos a experimentação, onde os alunos experimentavam diferentes formas de realizar determinados movimentos respeitando o seu tempo de aprendizado, e nos momentos de competição salientamos o respeito que devemos ter com o nosso adversário, e que estamos em processo de formação, que o erro é comum e que a persistência e o interesse leva ao aprendizado.

De acordo com nosso principal referencial:

É fundamental partir do entendimento de que nossos alunos são pessoas concretas, com níveis de aspiração, interesses e motivações diferenciados, o que faz com que cada um atribua um sentido pessoal ao jogo, à ginástica, à dança etc..., ou seja, pelo sentido e objetivos pessoais, cada aluno pode se satisfazer com uma execução técnica de nível diferente, seja elementar, rudimentar ou de nível médio, ou com a execução de um rigor técnico próximo ao do esporte de alto rendimento. Contudo, o professor não poderia, na perspectiva que estamos propondo para a Educação Física, deixar o ensino sem direção (COLETIVO DE AUTORES, 2008 p.84).

Na quinta intervenção, a aula teve como objetivo vivenciar algumas práticas corporais criadas pelos próprios alunos, e algumas criadas pelos professores. O primeiro momento da aula aconteceu em sala de aula, onde o professor esclareceu o objetivo da aula, que consistia em vivenciar algumas práticas corporais de aventura, com calma e respeitando os limites de cada um, já que o objetivo da aula consistia na experimentação e não no aprendizado de uma determinada técnica já pré- estabelecida. Esclarecemos que a atividade iria ser realizada em forma de

circuito, e sempre destacando a importância de cuidados a serem tomados durante as atividades práticas.

Em seguida fomos para o ginásio, vale destacar que eu tive que chegar antes do horário da aula para montar as atividades devido o período de a aula ser curto. Tahara e Carnicelli Filho (2012), diz que os professores encontraram diversas dificuldades e obstáculos durante a realização destas atividades, no entanto eles devem ser persistentes já que as práticas corporais de aventura contribuem de maneira significativa na formação dos alunos.

Antes de iniciar as atividades tivemos outra conversa, onde os professores explicaram a logística do circuito, neste momento um aluno fez um questionamento se a atividade seria de competição. E então os professores explicaram que a atividade não seria de competição, pois o objetivo da aula seria experimentação das atividades.

Antes de iniciar as atividades, apresentamos os espaços e explicamos o que deveria ser feito em cada estação. Para as três primeiras atividades a turma foi dividida em dois grupos, por haver espaço físico para as atividades ocorrerem simultaneamente. A primeira atividade consistia em converter uma cesta de basquete, onde a primeira tentativa ocorria próxima à linha dos três pontos e caso não convertesse a cesta as próximas tentativas poderiam acontecer mais próximo, os alunos se organizaram em fila e todos converteram a cesta. Esta atividade estava ligada ao desafio de se cumprir uma determinada tarefa.

Durante a realização desta atividade alguns alunos ficaram ansiosos para os outros colegas fazerem a cesta, faziam comentários desrespeitosos como, por exemplo: “faz essa cesta logo”, neste momento os professores interviram e exigiram dos alunos que respeitassem a individualidade dos seus colegas. A segunda atividade consistia em escalar a arquibancada, onde os alunos deveriam estar na posição de quatro apoios, mantendo sempre as mãos e os pés em contato com o solo, durante a explicação da atividade muitos alunos começaram a rir e fazer piadas, surgiram algumas falas, como por exemplo: “eu não vou andar de quatro”, e outra vez foi necessária a intervenção dos professores.



Figura 3: Lance livre
Fonte: A Autora

A terceira atividade consistia em saltar a grade e em seguida passar por baixo, não estipulamos uma maneira correta, com o objetivo de colocar um situação problema para os alunos resolverem, a maioria dos alunos passaram uma perna por cima, e logo em seguida a outra com o auxílio das mãos, e para passar por baixo eles agachavam. Realizaram este movimento duas vezes. Na quarta estação os dois grupos se encontraram, a atividade consistia em pular um muro da quadra de aproximadamente um metro, onde do outro lado havia colchonetes que garantiam a segurança na queda dos alunos. No começo da atividade alguns alunos demonstraram medo e insegurança na execução da atividade, mas quando viram alguns colegas realizando o salto se sentiram mais seguros para realizar a atividade.



Figura 4: Saltar e passar por baixo da grade
Fonte: A Autora



Figura 5: Pulando o muro
Fonte: A autora

A quinta e sexta atividades aconteceram fora do ginásio, em um espaço cimentado ao lado do pátio, onde o objetivo era atravessar correndo um espaço delimitado, havia os seguintes obstáculos: cones e bambolês. A sétima e oitava atividades aconteceram próximo ao estacionamento onde se encontram diversas árvores. A sétima atividade consistia em passar por baixo de uma rede fixada a três árvores, a última atividade foi o slack line, que teve um período curto de tempo em comparação às outras atividades. Devido ao grande interesse dos alunos nesta prática destinamos outras aulas específicas para este conteúdo, que serão apresentadas mais a frente. Para andarem na fita os alunos contaram com a ajuda dos professores, segurando na mão, cada aluno passou pelo menos uma vez pela fita.



Figura 6: Ultrapassar os obstáculos
Fonte: A Autora



Figura 7: Passar por baixo da rede
Fonte: A Autora



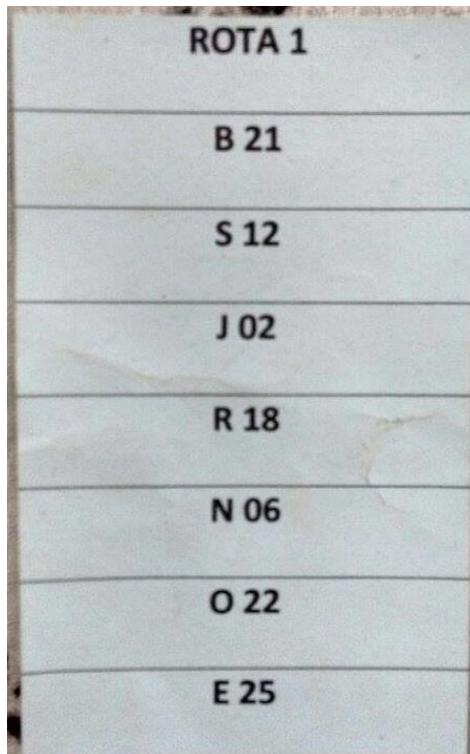
Figura 8: Slack Line
Fonte: A Autora

Durante a realização destas atividades notamos que os alunos vivenciaram diferentes emoções, como o medo frente aos desafios, superação, coragem e dentre outros. De acordo com Franco (2008), estas atividades enquanto conteúdo nas aulas de Educação Física proporciona aos alunos “sensações e experiências que atinjam o afetivo, o cognitivo e o aspecto motor de um jovem estudante, mesmo que sejam práticas apenas adaptadas às estruturas pobres das escolas” (FRANCO, 2008, p.32-33).

A sétima, oitava e nona aula foram destinadas para o aprendizado do slack line. Na sétima aula o professor fez uma breve explicação oral da história do slack line, e em seguida passou algumas orientações técnicas, como por exemplo, andar com os joelhos flexionados, olhar voltado para frente, encontrar seu ponto de equilíbrio, e estas orientações foram lembradas constantemente durante as aulas, vale ressaltar que não exigimos que os alunos executassem a técnica com perfeição, haja visto que o objetivo era aprender a técnica e experimentá-la da maneira que se sentisse confortável.

Durante as primeiras aulas os alunos contavam com o auxílio do professor para atravessar a fita, segurando em suas mãos, após os alunos adquirirem mais confiança contaram com a ajuda de seus colegas, hora segurando nas mãos, hora apoiando no ombro dos colegas, assim valorizamos o trabalho coletivo. Poucos alunos sentiram confiança em tentar sozinhos, e apenas uma aluna conseguiu se equilibrar sozinha.

Na décima aula realizamos a corrida de orientação. A turma foi dividida de forma aleatória em dois grandes grupos, para a corrida de orientação, foi desenvolvido um percurso de seis atividades dentro da escola, onde cada grupo recebeu dois mapas da escola com as coordenadas onde estariam sendo realizadas as atividades. Cada equipe deveria passar pelos postos, realizar a atividade e pegar um trecho de um poema, estavam alguns fiscais para verificarem se todos desempenharam as provas. Foi cronometrado o tempo de cada equipe que saíram ao mesmo tempo, pois cada equipe possuía uma sequência de atividades diferentes.



ROTA 1
B 21
S 12
J 02
R 18
N 06
O 22
E 25

Figura 9: Rota 1
Fonte: A Autora

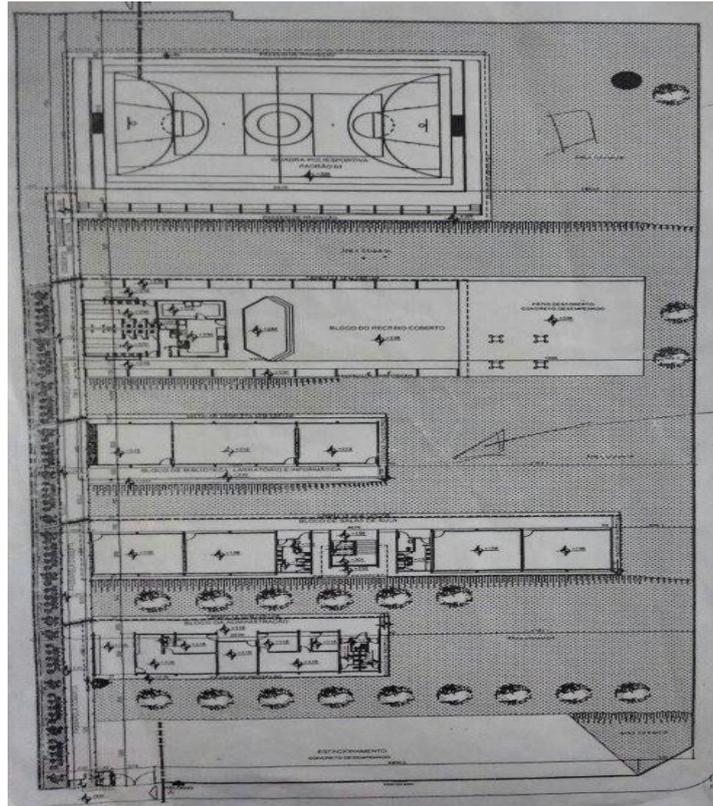


Figura 10: Mapa da escola
Fonte: A Autora

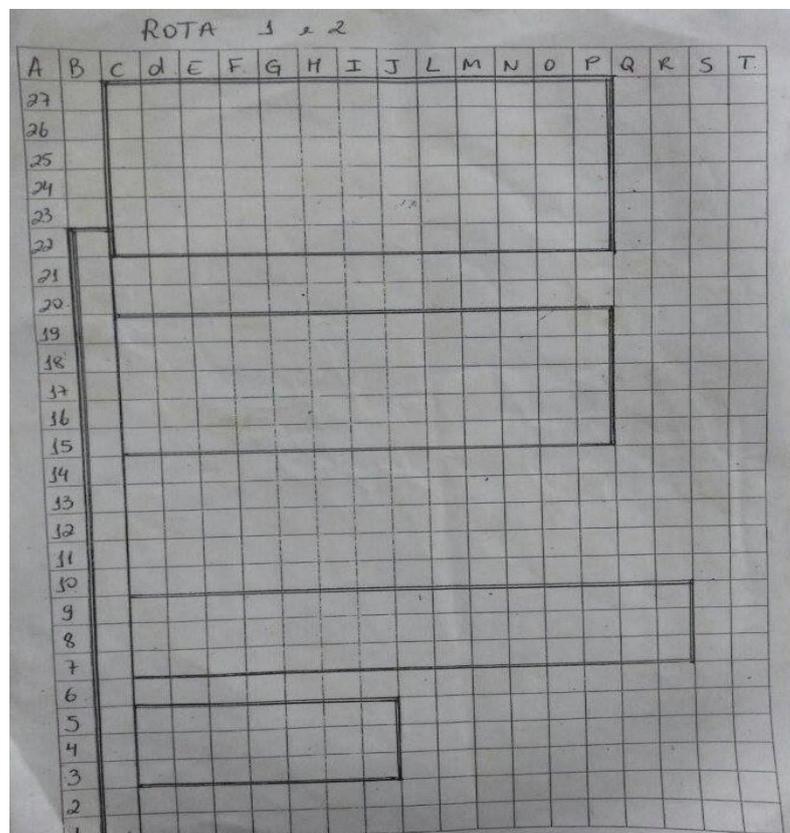


Figura 11: Mapa da escola com as coordenadas
Fonte: A Autora

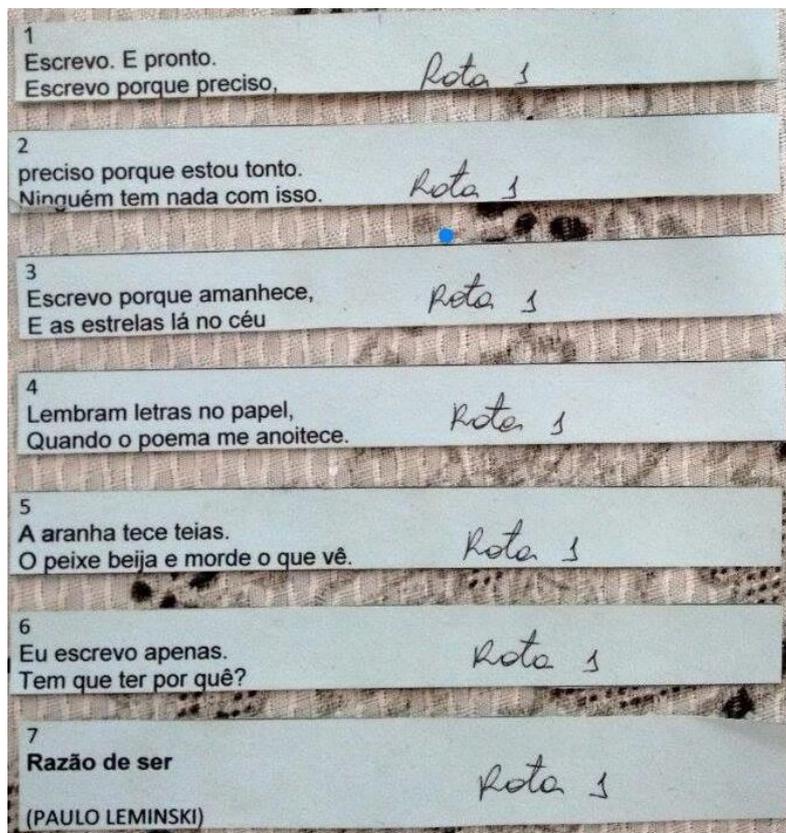


Figura 12: Poema
Fonte: A Autora

As atividades foram: fazer uma cesta de basquete, como desafio inicial, passar entre os barbantes localizados no corredor, corrida de bike na parte gramada, atravessar a fita de slack line que estava localizada no estacionamento, atravessa por bambolês em seguida passar por baixo de uma mesa de pingue-pongue que estava localizado no pátio da escola, passar rastejando em baixo de uma rede próximo ao slack line, saltar o muro da arquibancada na quadra e por último rodar dez vezes apoiando a cabeça sobre um cabo de vassoura e realizar um gol com uma bola de futebol. Somente a primeira e a última atividade foram realizadas apenas por um aluno eleito pelo grupo, o restante das provas todos os alunos realizaram.

Durante a realização destas atividades notamos que os alunos tiveram acesso á uma rica experiência motora, de acordo com Leite e Hartmann, a partir destas vivências o alunos possuem um maior controle de seus movimentos corporais, pois se desenvolve capacidades físicas como a força, velocidade,

resistência e dentre outros, e também são trabalhadas habilidades motoras, como a coordenação motora fina e global, lateralidade e etc.

Na décima sexta aula, voltamos com a atividade do slack line, mas desta vez foram armadas duas fitas. A primeira foi no estilo 'falsa baiana': havia uma corda acima da fita onde os alunos poderiam segurar, já no segundo slack line montado não havia este apoio, e pedimos para os alunos tentarem atravessar a fita sozinhos. Neste dia muitos alunos conseguiram atravessar a fita sem auxílio do professor e de colegas. Leite e Hartmann (P. 67) também destacam que durante o nosso dia-a-dia deixamos de lado algumas potencialidades do nosso corpo, e através destas ricas experiências em contato com a natureza, desenvolvemos potencialidade olfativas, auditivas e táteis, e ricas experiências sensíveis e emocionais.



Figura 12: Slack Line
Fonte: A Autora



Figura 13: Slack Line
Fonte: A Autora

Na décima sétima e última aula, o objetivo consistia em socialização dos equipamentos de práticas corporais de aventura que os alunos possuíam, e para o segundo momento da aula uma avaliação final. Os instrumentos levados pelos alunos foram 3 skates, a professora levou um patins e uma bicicleta. Percebemos que a grande maioria dos meninos já teve algum contato com o skate e a bicicleta, portanto neste momento procuraram aprender com os outros colegas alguma manobra nova e socializar aquelas que saibam; já sobre patins, poucos tiveram contato, portanto este foi um momento da primeira aproximação, a maioria sentiu facilidade e rapidamente já estavam conseguindo andar sozinhos. Já no caso das meninas, a grande maioria só teve contato com a bicicleta e algumas com os patins ao longo da vida, e neste momento mostraram bastante entusiasmo e curiosidade para aprender o skate. Nesta parte analisei os meninos separados das meninas, pois na pratica esta separação foi bem nítida, já que os graus de habilidades variaram de acordo com o gênero. No entanto quando solicitados, os meninos ajudavam as meninas, auxiliando na melhor maneira de se posicionar no skate, postura do corpo e dentre outros.



Figura 14: Socialização dos equipamentos de práticas corporais de aventura
Fonte: A Autora



Figura 15: Socialização dos equipamentos de práticas corporais de aventura
Fonte: A Autora

- **Avaliação**

A proposta Crítico-Superadora propõem práticas avaliativas que rompem com as avaliações mecânico-burocráticas, onde se valorizava apenas os movimentos técnicos com o objetivo de criar corpos hegemônicos, esta nova proposta sugere uma avaliação

Produto-criativa e reiterativas buscam imprimir á avaliação uma perspectiva de busca constante da identificação de conflitos no processo ensino- aprendizagem, bem como a superação dos mesmo, através do esforço crítico e criativo coletivo dos alunos e as orientações do professor (COLETIVO DE AUTORES, 2008 p.102).

Partindo desse pressuposto nossa avaliação foi contínua e dividida em diferentes atividades que serão apresentadas a seguir, caracterizado pelos instrumentos de avaliações elaborados, como por exemplo, questionários, e por outro lado também valorizamos os dados qualitativos observados no decorrer da pesquisa, como a disciplina, respeito com os colegas, criatividade e dentre outros.

Na primeira aula os alunos responderam um questionário acerca das práticas corporais de aventura, como já foi citado neste texto, está atividade foi avaliativa. Na quarta aula, como já citado neste trabalho, os alunos sistematizaram coletivamente algumas práticas corporais de aventura possíveis de serem realizadas na escola, está atividade também compôs parte das avaliações dos alunos.

Na sexta aula houve uma avaliação oral e coletiva da aula anterior. A primeira indagação do professor foi o que eles acharam as atividades, a grande maioria dos alunos avaliaram de forma positiva e prazerosa, um aluno disse que sentiu falta de correr, neste momento o professor explicou que não houve corrida, pois as atividades deveriam ser experimentadas com calma. A segunda pergunta foi qual a atividade que eles mais gostaram, a maioria disseram que foi o slack line, por se tratar de uma atividade nova. A terceira indagação foi quanto às dificuldades, os meninos disseram que não sentiram poucas dificuldade e as meninas disseram que sentiram medo de subir no muro para em seguida saltarem, e ambos sentiram dificuldades de se equilibrarem na fita de slack line.

Em seguida o professor levantou algumas questões que foram observadas no decorrer da aula. A primeira foi quanto à roupa inadequada, já que a maioria dos

alunos vai de calça jeans, limitando os movimentos dos alunos, e conseqüentemente influencia na dificuldades de execução de algumas atividades, outro ponto destacado foi em relação á algumas falas que alguns alunos tiveram com seus colegas, estes aspectos serão discutidos na conclusão deste trabalho.

Na décima primeira aula ocorreu uma avaliação da corrida de orientação realizada na aula anterior, para atingir o objetivo o professor utilizou do método de escrita onde cada aluno deveria escrever em uma folha a sua opinião acerca da aula anterior, destacando os pontos positivos e suas principais dificuldades, e no final da aula anunciou o vencedor da corrida de orientação.

No último dia de aula fizemos uma avaliação do trimestre, todos os alunos avaliaram de forma positiva as atividades, segundo eles o conteúdo foi divertido e aprenderam muitas coisas, e puderam perceber que a educação física é uma disciplina bastante ampla, que vai além dos conteúdos tradicionais como futebol e vôlei.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo central desenvolver e analisar as práticas corporais de aventura enquanto conteúdo da educação física a partir da abordagem pedagógica crítico-superadora, e como objetivo específico, identificar de que forma este conteúdo contribui na formação pedagógica e social dos alunos.

Concluimos que este conteúdo contribuiu de maneira significativa na formação pedagógica dos alunos, pois se apropriaram de conteúdo novo, pouco trabalhado nas escolas, no entanto que possui sua relevância social, haja vista que se faz presente no cotidiano dos alunos. Nós professores procuramos nos apropriar de um conhecimento contemporâneo e moderno, pois acreditamos que os alunos devem ter acesso ao conhecimento mais avançado produzido pela sociedade, para atingir este objetivo realizamos diversos grupos de estudos, e concluimos que este processo foi fundamental para a construção de um sequenciador de aulas que atingisse nossos objetivos.

As aulas foram planejadas de acordo com as possibilidades sociocognoscitivas dos alunos, fruto deste planejamento foi à alta participação dos alunos no decorrer das intervenções, a grande maioria se mostrava interessada em aprender e colaboraram para o andamento das atividades, e também foram fundamentais no planejamento, com as sugestões de atividades e a partir também de seus *feedbacks*, que na maioria das vezes aconteceram a partir das avaliações, teóricas e orais. Também concluimos que a alta participação dos alunos nas atividades se deu pela não exigência da técnica perfeita na execução dos movimentos, priorizamos a experimentação de acordo com as individualidades de cada aluno.

Ao longo das aulas procuramos trabalhar princípios que acreditamos ser fundamentais no processo de formação social dos alunos - um deles foi a cooperação, a maioria das atividades teóricas foram em grupos, levando os alunos a dialogarem a cerca de variados temas, nestas atividades os alunos aprenderam a escutar seus colegas, debaterem opiniões divergentes e construir um trabalho coletivo, foi um momento muito rico que culminou na construção de trabalhos muito interessantes já citados neste trabalho.

“Na escola é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defendem o compromisso da solidariedade e respeito humano (...)” (COLETIVO DE AUTORES, 2008 p.70). Nas aulas práticas a cooperação e o trabalho coletivo eram fundamentais, já que para as atividades acontecerem com segurança dependia desse trabalho em equipe, durante as aulas os professores sempre ressaltavam este princípio e sua importância, e podemos concluir que os alunos aprenderam e colocaram em prática. Durante as avaliações os alunos sempre destacavam como foi importante trabalharem em equipe, e como isto foi prazeroso para eles, percebemos uma socialização de conhecimento, os alunos estavam sempre dispostos a ajudar os seus colegas, e isto se fez bastante presente, e acreditamos que o planejamento e o cuidado em selecionar as atividades foram fundamentais neste processo.

“O ensino da educação física tem também um sentido lúdico que busca instigar a criatividade humana á adoção de uma postura produtiva criadora de cultura, tanto no mundo do trabalho como no do lazer” (COLETIVO DE AUTORES, 2008, p. 41), Durante a construção destes trabalhos coletivos e alguns individuais procuramos instigar a criatividade dos alunos, ressaltamos a importância deles criarem algo a partir do que eles trazem de bagagem e também dos novos conhecimentos que levamos para eles, como por exemplo, a atividade em que eles construíram coletivamente práticas corporais de aventura de serem possíveis de realizar na escola, eles se inspiraram a partir da bagagem que possuíam acerca do conteúdo, de vídeos que levamos e também a partir da realidade da escola, este trabalho resultou em muitas atividades interessantes que logo em seguida vivenciamos na prática.

Outro princípio que foi fundamental para a realização deste trabalho foi o respeito ao próximo, que também envolveu questões de gênero, durante as primeiras aulas práticas notamos que existem muitos pré- conceitos em relações a alguns movimentos, como por exemplo, quando pedimos para os alunos andarem de quatro apoios, neste momento surgiram diversas frases, como por exemplo: “não vou andar de quatro”, outra situação que houve falta de respeito, aconteceu nas aulas de slack line, onde alunos comentavam que determinados colegas não iriam conseguir se equilibrar na fita devido estar acima do peso, e notamos também que

quando colocávamos uma situação de competição, como na corrida orientação, alguns alunos exigiam que seus colegas realizassem a atividade com rapidez e exatidão. Em relação ao gênero, notamos que muitas vezes as meninas se sentiam reprimidas em realizar algumas atividades as quais, em nosso cotidiano, são taxadas como práticas masculinas, como por exemplo, pular o muro.

Estes fatos aconteceram durante as aulas, e em todos os casos houve a intervenção dos professores, destacando a importância de respeitar os professores e seus colegas, que estávamos em uma prática onde o nosso corpo iria experimentar diferentes movimentos e que estas atividades iriam contribuir de maneira significativa na formação deles. Durante todas as aulas ressaltamos que todos os alunos têm suas potencialidades e limitações, e que é fundamental respeitarmos as limitações de cada um, discutimos questões de estereótipos, onde muitas vezes meninas deixam de realizar determinadas atividades por serem pregadas como atividades masculinas, e ao longo das aulas deveríamos romper com esta tradição, e que todos teriam a oportunidade de experimentarem todas as atividades.

Concluimos que estas discussões foram fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, e notamos um grande avanço nesta questão. Na última aula que consistiu na socialização de equipamentos notamos que no lugar de críticas vinda dos alunos, eles procuraram auxiliar seus colegas, dando dicas da maneira correta de se posicionar nos equipamentos, entre outras, e rompemos o estereótipo que apenas meninos andam de skate. Foi um momento de socialização, trabalho coletivo, solidariedade e muito aprendizado. De acordo com o Coletivo de Autores (2008, p.74) “é necessário que o professor promova a compreensão do que é “equipe”, bem como do papel “solidário” que cada um dos seus membros deve ter, estimulando-os para o coletivo desde as primeiras séries”.

Durante a pesquisa também encontramos diversos desafios, o primeiro foi a duração do trimestre, a instituição passou por um período de greve no primeiro semestre e devido ao calendário acadêmico o início do segundo trimestre se iniciou em junho e se estendeu até outubro, no entanto por opção e estratégia metodológica dos professores iniciamos as intervenções em agosto. Outro desafio foi a introdução ao conteúdo, por se tratar de um conhecimento pouco discutido nas aulas de

educação física os alunos possuem poucas informações, então foram necessárias quatro aulas teóricas seguidas, e neste momento muitos alunos questionaram a ausência de aulas práticas.

Outro desafio ligado ao conteúdo, é que muitos alunos não acreditavam e vislumbravam as práticas corporais de aventura como um conteúdo nas aulas de educação de educação física escolar, na segunda aula houve um fala de um aluno, que dizia: “é muito difícil pensar essas práticas na escola, porque precisa de muitos equipamentos”, no entanto no decorrer das aulas e a partir das discussões os alunos puderam compreender que é possível, e inclusive propuseram atividades de serem realizadas na escola, como já foi citado neste trabalho.

Outro obstáculo está relacionado com os materiais, para o primeiro conteúdo utilizamos os recursos estruturais e materiais da escola, haja vista que o conteúdo se tratou da corrida de orientação, que nos possibilitou criar e adaptar algumas atividades de acordo com os materiais que a escola possuía, concluímos que este processo foi importante, pois demonstramos que diferentes conteúdos da educação física são possíveis de trabalhar na escola, independente da estrutura física e do número de materiais, pois podemos adaptar, ao mesmo tempo levantamos a questão, que professores e alunos tem o direito de receberem materiais adequados para diferentes práticas e que parte da verba recebida pela escola é destinada para a compra destes materiais, e que cabe a nós lutarmos por este direito, fruto desta discussão surgiu a ideia do centro acadêmico dos alunos adquirirem uma fita de slack line, até o final da pesquisa esta compra não tinha acontecido. Para as aulas de slack line, contamos com duas fitas, uma do professor Gleison e outra da professora Josy, neste momento também nos deparamos com outro desafio: - como as fitas de slack line eram dos professores elas não permaneciam na escola; na décima quinta aula estava planejada uma aula prática de slack line, no entanto não foi possível de nenhum dos professores levar a fita e então foi necessário uma mudança no planejamento, e os professores ministraram um brincadeira. Portanto, concluímos ser necessário a escola possuir equipamentos, mas a falta deles não deve ser fator limitante do ensino deste conteúdo nas aulas de educação física escolar.

Ainda discutindo sobre planejamento, outro desafio foi em relação ao planejamento de atividades que se encaixassem na pequena carga horária disponível, muitas vezes foi necessário chegar mais cedo ao horário de início da aula para montar as atividades necessárias, como no caso da montagem do circuito da corrida de orientação, já que não haveria tempo hábil durante a própria aula e ainda vivenciá-la; no entanto este movimento só foi possível pois as aulas eram ministradas por dois professores, então sugerimos que caso a carga horária da aula seja maior, pode ser realizada a montagem de todas as atividades com os alunos e logo após vivenciá-las, e caso a carga horária seja apenas de uma aula conversar com a direção da instituição de deixar montada os equipamentos no espaço.

Durante a pesquisa, houve alterações no cronograma em função de comemorações da/na escola, como uma aula destinada á brincadeiras tradicionais, uma palestra sobre o cerrado e outra aula onde o professor acompanhou os alunos nos jogos do município, portanto o número de aulas foi reduzido, no entanto planejamos as aulas de acordo com a quantidade de aulas que tínhamos, e o sequenciador não foi prejudicado.

Uma limitação que encontramos no trabalho pedagógico diz respeito às discussões teóricas que o Coletivo de Autores propõem, a fim de formar alunos críticos que sejam capazes de transformar a realidade em que estão inseridos, concluímos que foram poucos estes momentos de discussões, e que durante as intervenções apareceram temas que mereciam serem melhores discutidos, como por exemplo na última aula, por que culturalmente os meninos andam de skate e as meninas de patins, e quais são essas implicações em suas vidas.

Apesar de termos encontrados diversos desafios, conseguimos superá-los e avançamos em diversos aspectos, os alunos puderam compreender que a educação física vai além dos esportes tradicionais, e que as práticas corporais podem contribuir significativamente na formação escolar e humana. Concluímos que os alunos passaram a ter uma visão crítica acerca do conteúdo, e que os princípios trabalhados durante as aulas, como a cooperação, criatividade, solidariedade, respeito e dentre outros, foram fundamentais no processo de ensino-aprendizado.

REFERÊNCIAS

CAETANO, A. A.; INÁCIO. H. L. D. **Práticas Corporais de aventura na natureza: um retrato em 3x4 da realidade Brasileira.** In: X Congresso Internacional sobre la Enseñanza de la Educación Física y el Deporte Escolar, Pontevedra/Espanha, 2013.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: A história que não se conta.** Campinas, SP: Papirus, 1988- (coleção corpo e motricidade) 17ª edição 2010.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física.** Ed.rev- São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: Questões e reflexões.** Editora: Guanabara Koogan S. A. Rio de Janeiro- RJ, 2003.

DIAS, C.A. **Esportes na natureza e educação física escolar. Grupo de Pesquisa lazer e Minorias Sociais, UFRJ; Grupo de Pesquisa Envelhecimento e Atividades Físicas, UFF,** 2004.
http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/espnat_efesc_enfep_2004.pdf

EXPECTATIVA DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM RELAÇÃO ÀS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA: PROPOSTAS PARA UMA NOVA CONDOTA Rodrigo Alves Porto Leite¹, Cassio Hartmann² ¹ – Discente da FAL – Faculdade de Alagoas – Maceió/Alagoas – Brasil ² – Docente da FAL – Faculdade de Alagoas – Maceió/Alagoas – Brasil e Laboratório de Biociências da Motricidade Humana (LABIMH/RJ) rodrigoalvesporto@hotmail.com

FRANCO, L.C.P. **Atividades física de aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade), 134f. - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.Dissertação de mestrado, Unesp, 2008.

KUNREUTHER, Flavio Theodor. **Educação ao ar livre pela aventura: O papel da experiência e o aprendizado de valores em expedições á natureza.** Dissertação apresentada á Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo,

como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física. São Paulo 2011.

LAZAROTTI FILHO, A. et al. **O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da educação física.** Revista Movimento, UFRS, v. 16, n. 1, 2010.

MEC. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: educação física. 3ª ed. – Brasília: A Secretaria, 2001

TAHARA, A. K.; CARNICELLI FILHO, S. **A presença das atividades de aventura nas aulas de educação física.** Arquivos de Ciências do Esporte, v.1 n.1 p.60-66, 2013

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS MONOGRAFIAS
ELETRÔNICAS REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DE MONOGRAFIAS DA UFG – RIUFG**

1. Identificação do material bibliográfico monografia:

Graduação Especialização

2. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso

Autor (a):	Josy Cristina Magalhães	
E-mail:	josycristinaufg@hotmail.com	
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
Título:	O Ensino das Práticas Corporais de Aventura a Partir da Abordagem Pedagógica Crítico Superadora: Experiência em uma Escola Municipal de Goiânia.	
Palavras-chave:	Práticas Corporais de Aventura, Abordagem Crítico- Superadora, Educação Física, Escola.	
Título em outra língua:		
Palavras-chave em outra língua:		
Data defesa:	24/ 02/ 2016	
Graduação/Curso Especialização:	Licenciatura em Educação Física	
Orientador (a)*:	Prof. Dr. Humberto Luís de Deus Inácio.	

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O referido autor:

a) Declara que o documento em questão é seu trabalho original, e que detém prerrogativa de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento em questão contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal de Goiás os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento em questão.

Termo de autorização

Na qualidade de titular dos direitos do autor do conteúdo supracitado, autorizo a Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás a disponibilizar a obra, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional de Monografias da UFG (RIUFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data, sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial de sua obra? () Sim () Não

Permitir modificações em sua obra?

() Sim

() Sim, contando que outros compartilhem pela mesma licença .

() Não

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Local e Data Goiânia, março de 2016

Josy Cristina Magalhães

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais